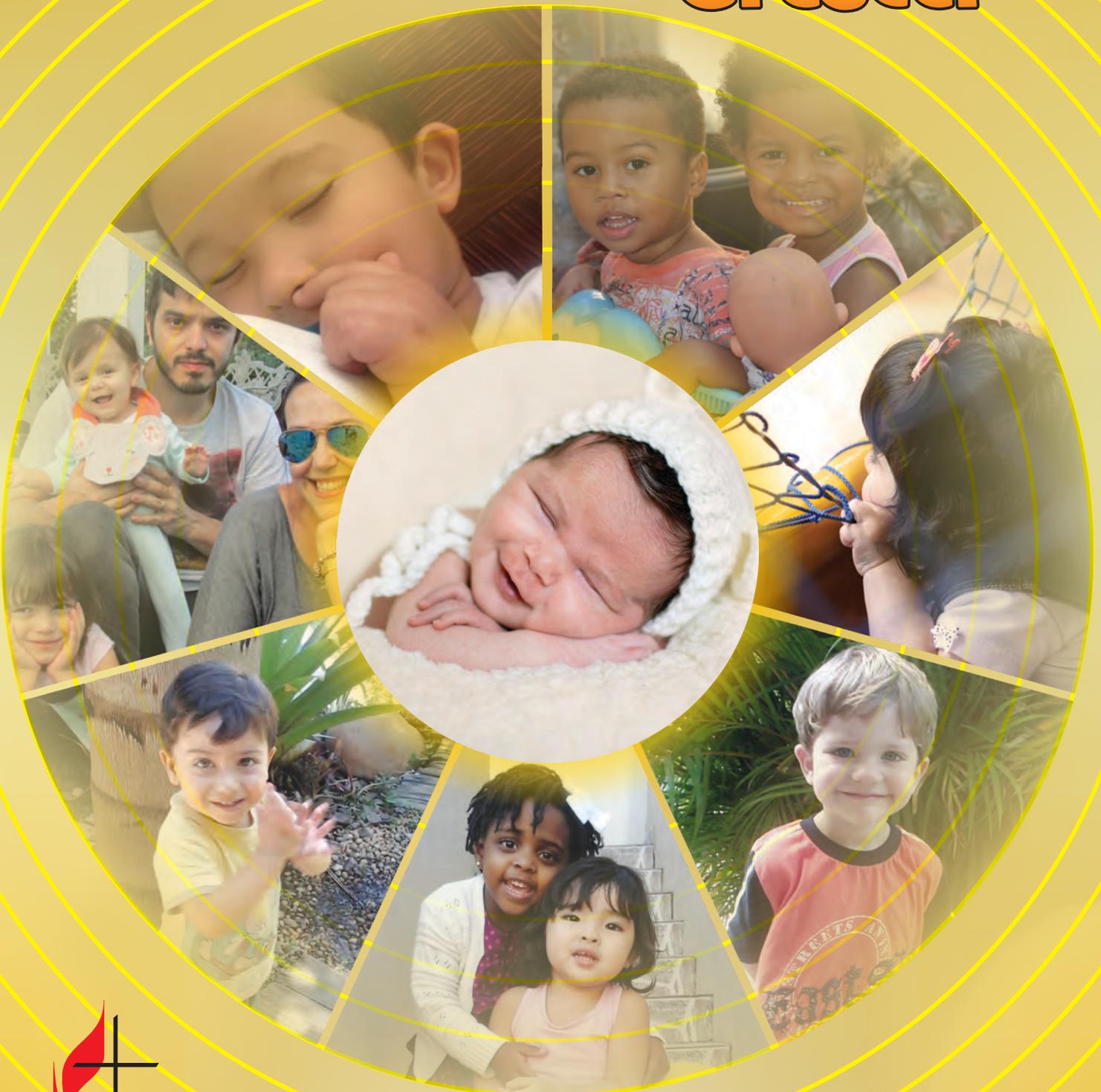


Bem-Te-Vi

Crescer



Professor/a de crianças de 0-3 anos

Bem-te-vi Crescer - 2015/2
Revista do/a professor/a de crianças de 0- 3 anos

Produzida pelo Departamento Nacional de Escola Dominical, sob a orientação do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Publicada sob a licença da Associação da Igreja Metodista.

Colégio Episcopal

Adonias Pereira do Lago – Bispo presidente

Secretaria para Vida e Missão

Joana D’Arc Meireles

Coordenação Nacional de Educação Cristã

Eber Borges da Costa

Departamento Nacional de Escola Dominical

Andreia Fernandes Oliveira

Luiz Virgílio Batista da Rosa – Bispo assessor

Redatora:

Telma Cezar da Silva Martins

EXPEDIENTE

Colaboradoras

Elaine Cezar

Elizabeth Meireles da Silva

Leda Wesley Cascione

Maisa de Souza Pereira

Maria Amélia Pereira do Pinho

Priscila Meireles da Silva

Silvia Helena Gomes Costa

Vera Luci Machado Prates da Silva

Vivian Lurdes Campos Godinho de Carvalho

Revisão:

Neusa Cezar da Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Alixandrino Design

Departamento Nacional de Escola Dominical:

Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto Paulista

04060-004 – São Paulo

Tel. (11) 2813-8600

www.metodista.org.br



Sumário

Textos

A criança e seus sentimentos **01**

Vivian Lurdes Campos Godinho de Carvalho

Comunidade terapêutica para famílias com crianças com deficiência **02**

Vera Luci Machado Prates da Silva

Inclusão de crianças com deficiência: Relatos de Experiência **03**

Vera Luci Machado Prates da Silva

Preparando-se para acolher as crianças **04**

Leda Wesley Cascione
Sílvia Helena Gomes Costa

A educação cristã na família **05**

Leda Wesley Cascione

Chá de Bebê: Uma sugestão de programa **06**

Maisa de Souza Pereira

Dicas para organização do Culto de Acolhimento aos bebês **07**

Maisa de Souza Pereira

Culto do/a bebê: uma sugestão de Programa 1 **08**

Maisa de Souza Pereira

Culto do/a bebê: uma sugestão de Programa 2 **09**

Leda Wesley Cascione

Sumário

Planos de aula

Conhecimento do Eu

- 01** Deus cuida de mim
- 02** Os passarinhos encontram ninho para morar
- 03** Uma visita especial
- 04** É bom amigos e amigas a gente fazer
- 05** Fazendo diferente

Valores e Virtudes

- 06** O amor é vencedor
- 07** Alguém cuida de mim
- 08** Que alegria!
- 09** Vivendo paz

Histórias Bíblicas - Noé

- 10** Noé obedece a Deus
- 11** Quem entrou na arca com Noé?
- 12** Dilúvio nunca mais!
- 13** A família cuidando da terra

Histórias Bíblicas - Davi

- 14** Davi, um pastor de ovelhas
- 15** Um jovem corajoso
- 16** Davi ajuda o Rei
- 17** A bondade de Davi

Datas Comemorativas

- 18** Dia da Escola Dominical
- 19** Dia da Criança - Como é bom ser criança
- 20** Dia de Ação de Graças - Nós Te agradecemos, Senhor!
- 21** Natal - Presente de Natal

Mais uma edição da revista Bem-te-vi Crescer chega até vocês e isso é motivo de gratidão a Deus e de muita alegria.

Bem-te-vi Crescer é um material de apoio aos professores/as e familiares de crianças de 0-3 anos de idade. A cada edição temos disponibilizado alguns textos que podem auxiliar a reflexão de educadores/as e familiares das nossas crianças. Nesta edição, destacamos os textos sobre inclusão das crianças com deficiências, provocando nosso olhar, sensibilizando-nos e despertando-nos para ações que, de fato, transformem nossas comunidades, em espaços de acolhida, solidariedade e afeto para com todas as crianças e familiares .

Os Planos de Aula foram organizados em quatro eixos: Conhecimento do Eu, Valores e Virtudes, Histórias Bíblicas e Datas comemorativas, produzidos por colaboradoras de diferentes comunidades metodistas, comprometidas com a educação cristã das crianças nos espaços da Escola Dominical e/ou Culto com crianças.

A maioria das músicas sugeridas está disponível no CD Crescer: cantigas para bebês, produzido pelo Departamento Nacional de Escola Dominical. As outras músicas compõem o acervo de CDs produzidos pelo Departamento Nacional do Trabalho com Crianças, disponível no site da Sede Nacional da Igreja Metodista- <http://www.metodista.org.br/escola-dominical> ou no CD Sombra

Amiga & Água Pura, produzido pelo Projeto Sombra e Água Fresca - <http://projetosombraeagua fresca.org.br/>

Apresentação

Esperamos que este material, somado a sua criatividade e compromisso com o desen-

volvimento integral das nossas crianças pequeninas, se transforme em bons encontros entre crianças, familiares, professores/as e igreja.

Envie sua opinião sobre a revista e/ou sugestões de textos ou dinâmicas de aula para o e-mail telma.cezar@metodista.org.br

Telma Cezar da Silva Martins
Redatora

PLANEJANDO AS AULAS: ALGUMAS DICAS

Ler toda revista para ter uma visão geral das propostas de aula e poder providenciar, com antecedência, o material que irá utilizar.

Caso tenha algum familiar das crianças que toque violão ou outro instrumento acessível ao espaço da sala de aula, pedir ajuda no acompanhamento das músicas ou, se não tiver instrumentista, utilizar o CD.

Reunir os pais/mães/responsáveis para compartilhar os temas propostos na revista, reforçar a importância da participação/presença de um dos responsáveis pela criança, quando esta tiver menos de 2 anos.

Sugerir que os familiares adquiram o CD Crescer para que aprendam e cantem as músicas com as crianças. Indicar o site <http://www.metodista.org.br/escola-dominical-musicas> para que baixem algumas músicas e/ou adquiram o CD Crescer.

Se possível, manter na sala lenços umedecidos, álcool gel, papel toalha, lenço de papel, água potável e copos descartáveis para uso das crianças, evitando sua saída ou das crianças do ambiente de aula.

Cuidar para que outros grupos da igreja evitem utilizar o mesmo espaço das crianças; caso não seja possível, redobrar os cuidados com a higienização da sala e dos brinquedos. Providenciar uma lata de lixo com tampa.

“Aquele que ensina, esmere-se no fazê-lo;” (Romanos 12.7)

A criança e seus sentimentos

A criança é sensível a todos estímulos do ambiente, capta o que acontece à sua volta, medos ou alegrias. Sabe quando está sendo amada ou injustiçada. Sofre com castigos ou com palavras que ferem. A criança ouve e entende perfeitamente o que falam para ela ou a seu respeito. Ao buscarmos entender o processo de desenvolvimento da criança, é importante reconhecê-la, tanto nos aspectos da formação da sua personalidade, como na forma como expressa seus sentimentos.

O primeiro vínculo sentimental que a criança tem é com os seus familiares (pai, mãe ou aqueles/as que cuidam dela). É nesse contexto familiar que ela consegue expor seus sentimentos, mostrando-se compreensiva ou não. Quando a criança não é o centro das atenções, ela pode apresentar comportamentos que estejam diretamente ligados aos seus sentimentos. Ciúmes, raiva, acesso de birras podem afetar algumas áreas de atuação da criança, como: intelectual, social ou da linguagem.

Ajudar a criança a expressar seus sentimentos é um desafio. Como ela não compreende, na maioria das vezes, o alcance de seus sentimentos, não consegue nomeá-los e nem mesmo expressá-los, as experiências podem tornar-se frustrantes. Ao ajudarmos a criança a compreender seus sentimentos e encontrar formas para expressá-los, contribuimos para que vivam suas emoções de forma saudável.

Incentivar a criança a falar sobre seus sentimentos é algo que deve ser praticado

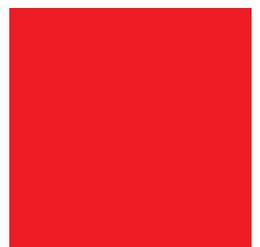
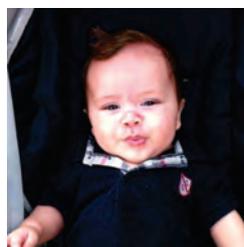
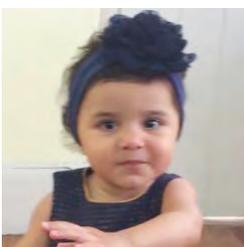
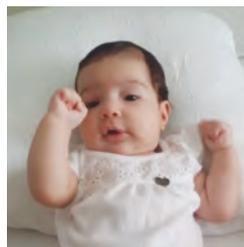
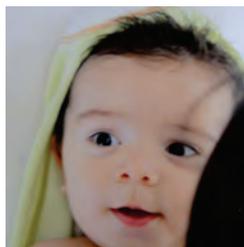
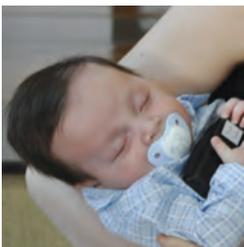
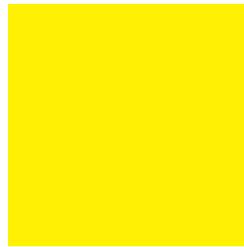
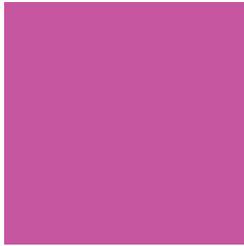
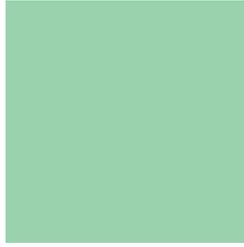
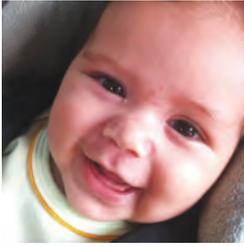
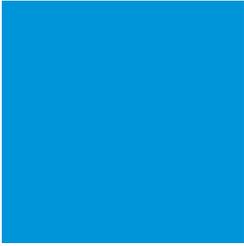
desde o momento em que elas consigam demonstrar que compreendem conceitos como: alegria, medo, tristeza, raiva, ciúmes. Sentimentos que nós, adultos/as, facilmente percebemos, mas que, rotineiramente, deixamos passar sem a nossa intervenção.

O medo é um dos sentimentos mais difíceis de a criança enfrentar. Ela não consegue colocá-lo em palavras e desconhece o seu temor. Ao acordar à noite, é comum uma criança, de aproximadamente 4 anos, dizer que está com medo da bruxa, do lobo mau ou do monstro. Elas acabam usando os contos de fada para demonstrar o que está se passando. É um erro tentar provar para a criança que a bruxa não existe, nem o lobo, nem o monstro; seria o mesmo que dizer a ela que seus medos não existem, seria ignorar sua dificuldade, sua angústia. O melhor a fazer é ajudá-la a ter certeza de que essas “pessoas” não estão em casa: abrir armários, olhar em baixo da cama, atrás das cortinas, conferir com a criança os espaços e, então, abraçá-la para que sinta segurança e conforto com a proteção de uma pessoa adulta.

Conforme a criança cresce, aprenderá a ter recursos internos para buscar ajuda ou, até mesmo, resolver as questões que a afligem; no entanto, é importante que sempre tenha alguém (adulto) acolhendo-a e auxiliando-a nesses momentos.

A criança sente, sim; e cabe a nós auxiliá-la no processo de reconhecimento de seus sentimentos.

¹ Vivian Lurdes Campos Godinho de Carvalho. Terapeuta Ocupacional e Psicopedagoga. Membro da Igreja Metodista em São Roque/SP.



Comunidade terapêutica para famílias com crianças com deficiência

Embora exista uma movimentação em direção contrária, em geral, a sociedade tem, para com as Pessoas com Deficiência (PcD), uma atitude de exclusão. Muitas vezes, ela é vista apenas a partir de sua deficiência e não da sua condição de pessoa. É uma criança, como as outras, que precisa de proteção e cuidado, mas também de espaço e autonomia para se desenvolver como tal. Para a pessoa ser incluída em uma determinada situação, ela precisa não só ser aceita, mas também querer fazer parte e sentir-se parte. Este sentir-se parte, certamente, se constrói desde a infância, quando a criança sente-se parte da família e é estimulada a ocupar seu espaço no mundo, mesmo com suas limitações. A igreja é um espaço propício para construção do processo de inclusão; a própria atuação de Jesus com as pessoas com deficiência nos dá a fundamentação para tal e os espaços celebrativos são instrumentos efetivos de cura e inclusão.

Igreja: um espaço terapêutico

A presença de uma criança com deficiência na família é, num primeiro momento, impactante. Mexe com uma gama muito grande de sentimentos: perda, negação, depressão, culpa, medo, vergonha, solidão, sonho realizado pela metade. Talvez, ainda que não se possa hierarquizar-los, os sentimentos de perda, de solidão e de culpa sejam os mais atroz. Em cada fase da vida da criança, os sentimentos se modificam, dão lugar a outro, tornam a voltar. Tudo isso exige esforço muito grande para superar e continuar vivendo.

Passado o primeiro impacto, inicia-se a

busca por melhor qualidade de vida. Para algumas famílias, é uma busca de superação ou eliminação da deficiência, o que na realidade não acontece. A família, como primeiro espaço social do ser humano, inicia o processo de inclusão que vai sendo expandido paulatinamente, extrapolando seus limites. Em geral, o maior envolvimento com o cuidado e a busca de atendimentos para o filho/a recai sobre a mãe, acarretando uma sobrecarga à mulher-mãe.

A atuação de Jesus com as pessoas com deficiência nos permite apontar o fundamento para uma pastoral em situação de deficiência. Nos relatos de Seus encontros com as pessoas, há a ênfase na devolução da dignidade de vida; Jesus as acolhe, é solidário com elas, coloca-as no convívio social e respeita-as nas suas potencialidades. (João 5.6-7; João 9.1; Lucas 18.35,40; Marcos 8.23; Marcos 8.46-47; João 9.9; João 5.14; Lucas 17.14; João 9.3; João 5.8-9; João 9.7)

(...) o projeto de Jesus e de seu movimento consistia basicamente em tentar restaurar a plena humanidade, sobretudo daqueles que dela tinham sido privados pelos mecanismos de exploração legitimados pela ideologia religiosa. (GEBARA, 1994: 72)

Jesus, também, estende os laços familiares para o círculo da igreja, o que é muito saudável, já que a relação da criança com deficiência, em geral, se dá apenas com a mãe. A realidade vivida pela Criança com Deficiência (CcD) e sua mãe aponta para a necessidade de maior abrangência de relações que poderiam ajudá-las a superar a dependência. Os Evangelhos registram pa-

² Revda. Vera Luci Machado Prates da Silva, Presbítera da 2RE (em licença), Mestre em Teologia Prática e Educação, doutoranda em Educação.

lavras de Jesus que ampliam a relação familiar para além dos limites da consanguinidade. No evangelho de Marcos, assim como no de Mateus, Jesus estende os laços familiares àqueles e àquelas que fazem a vontade de Deus (Mateus 12.48-50). Em Lucas, por sua vez, a família de Jesus é apresentada como aqueles e aquelas que ouvem e praticam a palavra de Deus (Lucas 8.21).

Diante da expressão de Jesus, registrada nos Evangelhos, qual é a vontade do Pai? A Igreja Metodista afirma que:

“O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e do poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua, neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus³.”

Isto nos aponta para a comunidade cristã que quer ser sinal do Reino de Deus no mundo. Para ser sinal, é preciso ouvir e praticar a Palavra de Deus e assim cumprir a Sua vontade. Esta comunidade torna-se a família de Jesus e tem em Sua vida e ação o fundamento para sua própria ação no mundo.

Para a família que vive a situação da deficiência, a participação e o apoio de uma comunidade não só é necessário para o fortalecimento da fé, mas também para o reconhecimento verdadeiro do seu desafio, em especial o das mães, e a divisão de responsabilidades. A comunidade pode ser espaço onde chorar as perdas; para isso, precisa ser solidária, ajudar a aliviar a carga, lutar por melhor qualidade de vida; ser um ambiente de constante reflexão; ser celebrativa e comprometida.

É preciso que o pastor ou pastora tenha consciência dessa realidade e ajude a comunidade a também percebê-la. Não podemos ser ingênuos e pensar que, por se tratar de uma comunidade cristã, a igreja seja consciente de tudo isto e atue nesta direção. A atuação pastoral com a CcD precisa levar em conta os elementos en-

volvidos nesta realidade, para que se torne um processo libertador para a criança, para a mãe e toda a família, ajudando, assim, que a criança seja respeitada nas suas limitações e valorizada em suas potencialidades.

A comunidade cristã tem à sua disposição, elementos preciosos em termos de espaços e ritos que possuem uma riqueza de valor terapêutico. O aconselhamento individual deve encaminhar para o uso e a valorização desses elementos.

Ritos e espaços terapêuticos

A igreja é um espaço privilegiado de cura que inicia pela integração. Tem, em momentos litúrgicos celebrativos, forte expressão de acolhida, que é uma necessidade da família e da própria criança. Os sacramentos do Batismo e da Santa Ceia são, por excelência, sinais concretos de inclusão.

1. O **Batismo**, sacramento de inserção da criança na comunidade de fé, tem um papel muito importante no processo inclusivo. O ritual de batismo da Igreja Metodista expressa claramente isto. A criança é trazida diante da comunidade e o/a dirigente profere, entre outras, as seguintes palavras:

“O batismo que esta criança recebe atesta a sua participação na eterna aliança de Deus como herdeira da graça divina. Os apóstolos frequentemente batizavam famílias inteiras, afirmando assim a natureza comunitária da fé cristã. De fato, o batismo é uma preciosa herança pela qual a igreja proclama a sua fundamental doutrina: a salvação pela graça. Cremos que Cristo morreu por esta criança antes mesmo do seu nascimento. [...] O sinal da nossa redenção agora lhe será concedido antes mesmo que compreenda o significado do sacramento que celebramos. [...] (Ritual da Igreja Metodista, p. 38).⁴”

O Batismo cumpre uma função terapêutica para a família, a criança e a comunidade. O fato de estar diante da comunidade com seu bebê em condição completamente diferente do “usual”, é um momento terapêutico; está ali não para receber um atendimento em função da necessida-

³ Colégio Episcopal da Igreja Metodista, Plano para a Vida e a Missão da Igreja (1996,p.14)

⁴ Ritual da Igreja Metodista (2001, p.38)



de da criança, mas, simplesmente, para trazer a criança para receber a Graça Divina, como qualquer outra. É na condição de criança, e não de deficiente, que ela é apresentada. Ao mesmo tempo, como não poderia deixar de ser, expõe o diferente. Assim como Jesus, obriga que a comunidade perceba esta presença, este diferente que é tão igual a todos e todas que já passaram pela mesma situação diante da pia batismal. Assim procedendo, a igreja está repetindo a atitude de Jesus de colocar a pessoa com deficiência no meio do grupo, provocando a percepção de sua realidade.

A Igreja precisa perceber a presença da **CcD** e saber que existem crianças que vivem esta realidade e que são tão filhas de Deus como qualquer de seus outros filhos e filhas “perfeitos”.

Para a criança, é a inserção numa comunidade na qual ela passa a viver e interagir. É um espaço em que pode estender sua relação de prazer e satisfação para além da relação com a mãe, e onde pode sentir-se amada e importante. Esta interação com um grupo aumenta seus laços de afetividade e propicia o crescimento em seu processo de autonomia.

Outro aspecto importante do batismo é que a comunidade é levada a se comprometer com a situação. Ao final do rito do batismo, os pais e testemunhas voltam-se para a congregação, e o dirigente faz a afirmação de que pelo Batismo, a

criança é recebida como membro do Corpo de Cristo e está, portanto, sob o amor e cuidado de toda a comunidade. E a congregação responde, assumindo o seguinte compromisso:

“Faremos tudo quanto estiver em nossas forças para sermos diante dela testemunhas fiéis, a fim de que não somente ela, mas todas as crianças que participam do nosso convívio cresçam no conhecimento e na graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e posteriormente confirmem a sua fé nele” (Ritual da Igreja Metodista, p 39.).

2. A **Santa Ceia**, sacramento, profundamente, comunitário e repleto de significados para a vida dos/as cristãos e cristãs pode ser, tremendamente, terapêutico para a mulher-mãe de uma criança com diferenças, assim como para toda família.

No ato da Ceia, Jesus está presente de maneira especial, independente da discussão teológica sobre a forma como se manifesta esta presença.

“(...) o sinal de que a Aliança está feita e a luta continua, o importante é: Deus está conosco. Jesus está presente. Este é o grande anúncio da Nova Aliança na experiência da comunhão do corpo e do sangue de Jesus. Símbolo da Nova Aliança, a presença de Jesus é atualizada e sublinhada⁵.”

Neste momento, dá-se o encontro com o divino que renova a Sua aliança com os seus, em meio

⁵ Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor, (1996, p.15).

a este mundo conturbado de lutas e buscas e experiências de solidão e desamparo.

A Ceia tem um caráter inclusivo. É uma celebração comunitária na sua plenitude. A Ceia do Senhor é um momento profundamente amplo, fraterno e de comunhão (Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor, p. 8). Ao ser uma comunhão com Deus em Jesus Cristo, é a comunhão de irmãos e irmãs, onde as segregações e a indiferença não têm lugar. Para a mãe e a família da criança com deficiência, este sacramento pode ter uma ação transformadora da sua realidade nos seguintes sentidos:

- É o encontro onde a fé converte-se em força e garra. Pode-se dizer que há um empoderamento, no sentido de poder, não como forma de dominação ou de reconhecimento forçado, mas enquanto força que produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso, força transformadora da realidade.
- À mesa da comunhão, as pessoas envolvidas com a CcD estão diante de Deus e da comunidade na condição de pessoa, filha e filho de Deus que traz todas as marcas desta sua condição numa sociedade que discrimina e exclui. Elas fazem parte daquele grupo que é composto por outras tantas pessoas que também trazem suas marcas e dores, mas diante de Deus são recebidas em igualdade de condições. Elas podem participar da mesa com seu filho, sua filha e senti-lo/a integrante da comunidade.

3. O **abraço da paz** também é um momento muito acolhedor e confortante. Para a **CcD**, o processo de inclusão se dá na medida em que a família a expõe e permite que ela faça parte de um grupo social, no qual também a própria família se inclua.

A solidariedade e a fé que fazem parte da celebração e o compromisso são componentes fundamentais para que uma comunidade seja terapêutica. No entanto, uma comunidade terapêutica não pode ser somente solidária e celebrativa, tem que comprometer-se com as famílias das CcD. Mais que chorar ou se alegrar junto, o que já contribui muito para a qualidade de vida destas pessoas, é preciso ser uma comunidade inclusiva - acolher e integrar todas as crianças e suas famílias.

O compromisso tem que ser com a pessoa que está no seu meio, contribuindo para que sua dignidade seja preservada e seus recursos supridos para melhorar a sua qualidade de vida. Porém, tem que extrapolar os limites enquanto igreja, no sentido de conscientizar-se e lutar para que os direitos da pessoa humana (sendo ou não PcDs) sejam respeitados na sociedade. É importante a participação da comunidade em campanhas de prevenção das deficiências, a busca de conhecimento dos fatores que as causam, bem como, participação em movimentos para garantir os direitos das CcDs a uma vida digna e plena na família, na igreja e na sociedade.

COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Carta Pastoral Do Colégio Episcopal Sobre a Ceia do Senhor. São Paulo: Imprensa Metodista, Biblioteca Vida e Missão: Pastorais-nº 2, 1996.

_____. Plano para a Vida e a Missão da Igreja. São Paulo: Imprensa Metodista, Biblioteca Vida e Missão: Documento nº 01, 1996.

_____. Ritual da Igreja Metodista. São Paulo: Cedro, 2001.

GEBARA, Ivone. Teologia em ritmo de mulher. São Paulo: Paulinas, 1994.

KLAIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred. Viver a Graça de Deus: Um compêndio de Teologia Metodista. São Paulo: Editeo, Cedro, 1999.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (org). Teologia Prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998.

Inclusão de crianças com deficiência: Relatos de Experiência

Depoimento sobre a vida da JU

Sou pastora da Igreja Metodista e tenho uma filha que tem uma síndrome chamada de Síndrome de Dandy-Walquer (SDW), que lhe acarreta deficiência múltipla. Caracteriza-se por uma alteração congênita no cerebelo, *“é uma síndrome não familiar, caracterizada por dilatação cística do quarto ventrículo e por aplasia ou hipotrofia parcial ou total do vernis cerebelar.”* (EWALD, 2005) Em consequência, ela apresenta deficiência múltipla: déficit motor, visual e cognitivo. Neurologista e oftalmologistas, diante dos diagnósticos produzidos por exames, afirmavam que ela não enxergava nem viria a enxergar, seu diagnóstico seria cegueira total. Tanto nós familiares como professores da creche e a comunidade religiosa da qual ela participava, tínhamos a sensação de que alguma coisa ela enxergava; fazia coisas que nos parecia impossível para quem não visse nada. Até que um dia, quando estava com 3 anos e meio, a terapeuta ocupacional ficou sabendo da chegada de um oftalmologista que havia feito especialização no Japão e estava aceitando desafios em neurologia. Fomos até ele e, após um exame minucioso, disse *“Não sei, mas vamos tentar, se ela tem 5% de visão vamos aproveitar. Acho que ela precisaria de uma lente no mínimo 11, mas vamos começar adaptação com 7.”*

O processo de adaptação foi progressivo até o grau 9,5. De repente, ela começou a rejeitar os óculos, e o médico ficou meio sem saber o que fazer, será que a lente está muito forte? Iniciamos o processo inverso. Hoje a JU usa óculos com três graus em uma len-

te e três e meio na outra. Como apresenta dificuldades em outras áreas, ainda é uma incógnita o que de fato ela vê e como vê; há suspeita de visão lateral. A cada dia ela surpreende, demonstrando que está enxergando coisas que a gente não imaginava. Por vezes, continua com atitudes de quem ainda não enxerga, especialmente com uso do tato. Oliver Sacks afirma *“Para os que acabam de ganhar a visão, aprender a ver exige uma mudança radical no funcionamento neurológico e, com isso, uma mudança radical no funcionamento psicológico, no eu, na identidade.”* (SACKS, 1995: 154)”, isto deve ainda estar acontecendo com ela.

Os prognósticos do neurologista eram que seria praticamente vegetativa. Seria cega, não falaria e não andaria. Ju nasceu em julho de 1993, em janeiro de 1994 fui nomeada para uma comunidade em um bairro em Porto Alegre, RS. Fomos muito bem recebidos e ela foi acolhida com muito amor e carinho. Passou a fazer parte de todas as atividades da Igreja. Durante as reuniões ela ficava no chão em um colchão feito de meia de seda, para não ter perigo de cair. Ali ela brincava e aprendeu a rolar e explorar o espaço, durante os cultos, ficava no colo das pessoas. A comunidade era formada praticamente de adultos, com poucas crianças. Na Escola Dominical tinha uma classe única de crianças e ela participou desde o primeiro momento nesta classe. Tinha um encantamento especial pela música. Participava de todas as atividades da classe. No final da ED, comumente as crianças apresentavam alguma atividade para toda comunidade, ela estava sempre presente. A professora confeccionou, com as crianças,

⁶ Revda. Vera Luci Machado Prates da Silva, Presbítera da 2RE (em licença), Mestre em Teologia Prática e Educação, doutoranda em Educação.

instrumentos musicais, e a JU participou, desde muito pequena, marcando o ritmo. Quando a proposta era fazer um desenho, e a JU, por questões motoras tinha muita dificuldade, a professora providenciava alguma coisa para que ela também participasse. Outro momento muito especial de participação era o das programações de Natal quando, de alguma forma, ela sempre participava.

Em 2005, mudamos para São Bernardo do Campo/SP e fui nomeada para a Igreja em Mauá. Da mesma forma, fomos muito bem recebidos e a JU participou ativamente das atividades da Igreja: Escola Dominical, dança litúrgica, peça de Natal.

Em 2006, ela passou a frequentar a Igreja de Rudge Ramos e a fazer parte do Coral Arco-íris. Mesmo com dificuldades de fala participou ativamente. O coral trouxe a ela uma grande contribuição, os exercícios vocais auxiliavam no desenvolvimento da fala e complementavam o trabalho com a fonoaudióloga, além do esforço que ela pessoalmente empreendia para pronun-

ciar adequadamente a letra das músicas.

Assim como na questão da visão, ela tem contrariado todos os prognósticos estabelecidos. A previsão neurológica era a de que não andaria, não enxergaria e não falaria. Hoje ela está se alfabetizando; o processo é muito lento, mas ela anda, fala (com dificuldade, mas fala), dança, tem um ótimo convívio social e participa com muito entusiasmo da comunidade religiosa. Já participou do Congresso Regional de Juvenis, que reuniu 317 adolescentes, e ela foi com o irmão de 15 anos, na época.

Hoje ela está com 21 anos, trabalha na Universidade Metodista de São Paulo, no Setor de Produtos Artesanais, faz parte do Grupo Sentir (grupo de dança criativa, onde participam pessoas com deficiência ou não) e já fez várias apresentações solo, na Universidade e fora dela.

Damos graças a Deus pelos avanços alcançados em sua vida e pela força de vontade que ela sempre demonstrou em vencer barreiras. Mas



não podemos deixar de reconhecer que o acolhimento da comunidade religiosa foi um impulso nesta caminhada; em especial, nos 10 primeiros anos vividos na Igreja Metodista Paulo de Tarso, em Porto Alegre, que fizeram com que ela crescesse e se fizesse pessoa incluída em um processo comunitário.

História de Vitória e Guilherme

Vitória é mãe de um menino portador de deficiência múltipla, por paralisia cerebral, em consequência de uma parada cardíaca aos 3 meses de idade. Quando teve a confirmação de sua gravidez, Vitória ficara exultante, embora não fosse muito correspondida pelo marido. Passara todo o período de gestação sonhando com seu bebê. A cada dia, crescia seu entusiasmo com a proximidade da sua chegada e aumentava o envolvimento do marido na expectativa de ter um menino.

Quando Guilherme nasceu, foi constatada uma anomalia cardíaca e prevista uma cirurgia corretiva. Passados alguns dias no hospital, foi encaminhado para casa até ter as condições necessárias para o procedimento. Ficou em casa por dois dias e precisou ser encaminhado novamente ao hospital, onde lutou por meses com infecções oportunistas.

Aos três meses teve uma parada cardiorrespiratória que lhe causou sérios danos cerebrais, e só por volta do quinto mês é que foi possível a primeira cirurgia cardíaca.

Vitória participa ativamente de uma comunidade cristã na qual chegou, na mesma época que ela, uma menina portadora de deficiência múltipla que foi acolhida com muito carinho por esta comunidade. Ela também se envolveu muito com a menina e colaborou com a sua integração na comunidade. Mesmo antes de sua gravidez, ela já desfrutava de uma relação intensa com uma criança com deficiência.

Quando do nascimento de Guilherme e das dificuldades enfrentadas nos primeiros meses de vida, a comunidade da igreja esteve permanentemente em oração, pedindo pela vida dele e por coragem para que pai e mãe pudessem acompanhá-lo devidamente, sempre os fazendo saber, de alguma forma, que estava solidária com eles. Durante os cinco meses de internação, nenhuma pessoa da igreja pode visitá-lo, além da pastora que tinha acesso ao Centro de Terapia Intensiva dos hospitais, sendo ela portadora das mensagens da comunidade. A grande maioria das pessoas da comunidade só foi conhecê-lo após



os seis meses de idade. No entanto, a solidariedade foi tão grande que, quando se integrou de fato, já era muito amado.

À medida que o tempo passava, apareceram as suas limitações, e a comunidade acompanhava tudo. O dia do batizado de Guilherme foi muito especial, momento de celebração pela vitória da vida; mas também serviu para reflexão sobre a responsabilidade quanto à qualidade de vida que a comunidade estaria proporcionando àquela criança pela qual pediu tanto a Deus que lhe preservasse a vida.

A partir daí, a comunidade mobilizou-se para ajudar nos atendimentos especializados, já que a família não possuía condições financeiras para isso. As mulheres assumiram o pagamento da natação especial, outra pessoa conseguiu uma bolsa para atendimento em uma clínica junto a uma instituição de ensino, onde ele ainda faz fisioterapia, terapia ocupacional e fonoaudiologia.

O acompanhamento destes atendimentos fica sob a responsabilidade da família, o que fazem com muito rigor. Vitória tem sido incansável, levando-o diariamente à clínica e fazendo os procedimentos domiciliares recomendados. À medida que ele cresce, aumentam também as dificuldades de locomoção dos dois. Ele está muito grande para ser carregado no colo.

Durante todo processo, a mãe tem demonstrado força muito grande, que se deve à sua maneira de encarar a vida e, certamente, a comunidade na qual ela está inserida contribui muito para isso.

Vitória participa do grupo de mulheres da Igreja e integra o Ministério de Ação Social. Fez um curso para trabalhar com as pessoas com deficiências. É extremamente solidária e desempenha o papel de conselheira com outras mães na mesma situação.

Durante a semana, quando o menino não está na creche, leva-o com ela às atividades. Aos domingos, nos cultos, geralmente, ele fica com o pai, que só participa em atividades especiais. Ambos, mãe e pai, estão participando do grupo de casais que se reúnem nos lares. No grupo, participam os filhos pequenos, o que é uma festa

para Guilherme.

É perfeitamente normal o sofrimento pela perda, pelo sonho não realizado e ausência do “objeto” de afeto. A fé tem papel importante na forma de enfrentar a dor. No caso relatado, a fé de Vitória lhe deu alento para enfrentar todos os indícios contrários de que a vida subsistiria. Certamente, essa fé foi alimentada pela certeza da solidariedade da comunidade que estava chorando com ela, mas também a sustentando com oração e com a presença, mesmo que indiretamente.

Grupo de Mulheres

A participação de Vitória no grupo de mulheres da igreja acontece desde antes da gravidez. Este grupo é um diferencial na sua vida, mantendo apoio e solidariedade nos seus momentos mais difíceis e na vida do Guilherme. Este grupo cumpre o papel de fomentar a reflexão sobre questões que dizem respeito à condição da mulher, oportuniza a discussão sobre a realidade em que estão inseridas e, aos poucos, as pessoas vão se dando conta de como os estereótipos de gênero influem em seu comportamento e quanto os reproduzem em suas relações.

É um espaço em que o “Eu” pode apresentar-se com todas as facetas em que está envolvido. Para Vitória, este é um espaço só seu. Ela está ali não para suprir uma necessidade do filho, mas para cuidar de assuntos que são seus, para ter com quem conversar, para ouvir e ser ouvida, construir conhecimentos, já que teve que abandonar seu projeto de estudos e trabalho. É um lugar diferente dos demais frequentados, no cotidiano, em função das necessidades da criança e para a busca de atendimento e de melhor qualidade de vida para o filho.

Uma das queixas que se ouve das mães das crianças com deficiência é a forma de tratamento que alguns profissionais de saúde usam para se dirigirem a elas. Em geral são chamadas por “mãezinha” e não pelo nome. Isto as incomoda muito. Com a constância deste tratamento, a pessoa perde a sua própria identidade. Eu existo como pessoa, enquanto sou mãe daquela. A mulher-mãe, no caso, precisa recuperar sua autoestima e, às vezes, sua própria identidade, que está sendo embotada por todas as circuns-

tâncias que está vivendo.

Esta possibilidade de ter um tempo e espaço para se preocupar consigo tem dois aspectos salutareos: ajuda a cuidar de saúde emocional e espiritual; favorece o distanciamento do seu “bebê”, contribuindo, assim, com o processo de autonomia e construção de identidade.

Vitória, incentivada por suas companheiras do grupo, participou do Congresso Regional de Mulheres. Para isso, deixou o menino, por três dias, aos cuidados de uma amiga durante o dia e do pai à noite. Quando voltou, comentou que foi uma experiência difícil, mas que foi muito bom ter participado.

A experiência de afastamento, certamente, foi importante para ambos e possibilitou a percepção do outro como outro que tem vida própria. Para ela, possibilitou a conscientização de que ele pode subsistir sem a sua presença constante. Para ele, a tomada de consciência de que ele existe independente dela e que há outras situações gratificantes fora do grande seio provedor.

À medida que vai se dando essa descoberta, o processo de autonomia da criança se fortalece e faz aflorar suas potencialidades. É importante que a mãe tenha consciência disto e que a comunidade propicie condições para que ela faça a experiência.

Escola Dominical

A Igreja Metodista valoriza a Escola Dominical como agência de crescimento, capacitação e integração da comunidade. Este é um lugar que pode desempenhar um papel muito importante no processo de inclusão, especialmente da criança portadora de alguma deficiência. Da mesma forma, é um espaço que pode ser extremamente terapêutico para a Criança com Deficiência- CcD.

A Escola Dominical possui um critério diferencial em relação à escola secular. O referencial da Escola Dominical é o qualitativo e não o quantitativo. A preocupação não é com a produção da criança, e sim com a transmissão de valores ético-cristãos que são importantes para a vida. A criança participa da comunidade religiosa não

para ser avaliada pela sua competência, mas porque ela é parte do Reino de Deus (conforme Marcos 10.14). Como tal, está recebendo os ensinamentos e conhecendo os valores deste Reino. A sua participação já é expressão destes valores, recebendo o amor e propiciando às outras pessoas a oportunidade da convivência com o diferente e o exercício deste amor. Essa oportunidade de inclusão da criança no ambiente da Escola dominical ajuda no processo de socialização dessa criança, facilitando o ingresso dela na escola secular.

Guilherme participa pouco da Escola Dominical, por contingências familiares, mas é um local em que, dentro de suas possibilidades, ele pode se relacionar com as outras crianças e com a comunidade em geral. Na classe do Guilherme, tem outra criança com deficiência múltipla que participa plenamente das atividades. Sua fala é de difícil compreensão, mas ela tem gosto muito especial por música. Nas apresentações do grupo, eles cantam e tocam instrumentos fabricados pela classe. Ela canta do jeito dela e marca o



compasso com instrumento de percussão, sentindo-se muito feliz. À medida que ele foi crescendo foi participando também destes momentos.

Guilherme e seus pais participaram do presépio de natal, representando a família natalina, embora ele já tivesse um pouco crescido para ser o menino Jesus. Foi um momento especial para todas as pessoas daquela comunidade, e especialmente de gratidão a Deus pela vitória da vida.

Grupo de Casais

Os pais de Guilherme participam do grupo de casais jovens da igreja. Este grupo tem um caráter muito fraterno e propicia a reflexão de temas que dizem respeito às relações familiares, sempre tendo como parâmetro as relações de gênero. Isto certamente tem contribuído para construção mais igualitária da relação familiar. Contribuiu também no exercício da paternidade partilhada.

O convívio com outros casais e seus/suas filhos/as cria maior possibilidade de troca com outras

realidades familiares, com suas semelhanças e diferenças. É importante para que o pai e a mãe do menino percebam o quanto o filho é criança como as outras crianças, além de oportunizar aos outros o convívio com o diferente.

Ao acompanhar todo o processo de tratamento e progressos de Guilherme, percebe-se como tem sido importante a ajuda emocional, espiritual e até financeira que a comunidade tem dado. Certamente, sem estas condições, a família pouco teria alcançado, tendo em vista tratar-se de um casal jovem, distante dos familiares, com pouca experiência de vida e precárias condições financeiras.

Este relato refere-se aos 10 primeiros anos de Guilherme, que acompanhei bem de perto. Hoje ele está com 20 anos, tem uma irmã com 12, e ambos têm uma bela convivência. Embora distante, geograficamente, acompanho seu desenvolvimento e o que posso perceber é que ele tem superado em muito os prognósticos médicos para sua vida.



Tema: Deus cuida de mim

Versículo do dia: “O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará.” (*Salmo 23.1*)

Palavra-chave: cuidado

Preparando o ambiente: Deixar no quadro imagens de pessoas (mãe, pai, avô, avó) cuidando de bebês ou de crianças maiores.

Acolhida: Receber as crianças com alegria. Cantar a música: Deus cuida (CD Crescer, faixa nº 6 – DNED) ou a música: Deus cuida de mim¹⁴. Convidar as crianças a observarem as imagens de pessoas cuidando de crianças.

Roda de Conversa: Iniciar a conversa perguntando às crianças maiores quem cuida delas. O que essas pessoas fazem que demonstra cuidado. Deixar um tempo para as crianças maiores falarem. Cantar novamente a música: Deus cuida, ressaltando que Deus é amor, por isso, Ele cuida de nós.

Hora da História: [declamar a poesia, com entonação de voz e expressando-se com o corpo]

Cuidado de Deus

(Elaine Cezar)

Existe alguém especial que cuida de mim.
Não posso vê-lo, mas Ele está aqui, sim.
Sei que Ele é forte e grandão,
Seu amor deixa quentinho o meu coração.

Este alguém especial chama-se Deus.
Ele cuida de mim e de todos os Seus.
Como um pastor bonzinho,
Meu Deus está e estará sempre pertinho.

Oração: Obrigado/a, querido Deus, por cuidar de nós. Amém.

¹⁴. Letra: Deus cuida de mim, Deus cuida de mim, no sol ou na sombra, Deus cuida de mim. (ver partitura na contracapa da revista)

Sugestões de atividades:

1. Brincadeira: Providencie bonecos/as para as crianças brincarem de cuidar: alimentar, trocar de roupinha, proteger do sol, da chuva, colocar para dormir etc.

2. Artes: Providencie figuras de pessoas cuidando uma das outras (principalmente cuidando de crianças). Peça que cada criança escolha uma das figuras para montar um quadrinho. Ajude-as a colar a

figura num papel cartão (previamente cortado de acordo com o tamanho da figura) ou em pratinhos de papelão, passando cola branca, com pincel, por cima da figura (plastificando a figura no suporte - papel cartão ou pratinho de papelão). Motive-as a levarem os quadrinhos para casa. Reforce que é bom, quando sentimos o cuidado de Deus, através das pessoas que cuidam de nós.



Tema: Os passarinhos encontram ninho para morar

Versículo do dia: “O pardal encontrou casa, e a andorinha, ninho para si, onde acolha os seus filhotes [...]” (*Salmos 84.3a*)

Palavra-chave: proteção

Preparando o ambiente: providenciar uma pequena barraca ou preparar uma cabana [juntando mesas ou cadeiras, cobrindo com tecido ou lençóis] para crianças.

Acolhida: Receber as crianças com alegria e convidá-las a entrar na “casinha” montada na sala. Cantar a música: Deus cuida (CD Crescer, faixa nº 6 – DNED).

Roda de Conversa: Conversar com as crianças maiores sobre suas casas: onde elas moram, quem mora com elas, como é a casa (casa térrea, prédio, perto da praia, do campo, da cidade, do parque etc.). Perguntar por que precisamos de uma casa? Reforçar que a casa é para nos protegermos do sol, da chuva, do frio, é o lugar onde podemos estar com a nossa família.

Hora da História: [narrar o texto com o

apoio de uma imagem de andorinhas voando ou passarinhos de brinquedo acomodados num cestinho de palha, uma Bíblia ilustrada, imagens da igreja e de diferentes moradias].

Uma casinha especial

(Elaine Cezar)

A Bíblia diz que até o passarinho tem o seu cantinho,
A andorinha encontra para ela e seus filhotes um gostoso ninho
E nós? Temos uma casa onde vivemos.
Nela brincamos, dormimos e comemos.

Mas temos, também, uma casa especial,
É a casa de Deus, um lugar sem igual.
Na igreja, sorrimos, brincamos, cantamos,
Oramos, aprendemos e nos encontramos.
Lá, falamos de Deus, o nosso Senhor,
De Seus ensinamentos e Seu grande amor.

Oração: Agradecemos-Te, ó Deus querido, pelo Teu cuidado e proteção. Amém.

Sugestões de atividades:

1. Brincadeira: Peça que cada responsável traga a mantinha/cobertorzinho da criança para ser utilizado na brincadeira. A partir de alguns comandos, como: Está chovendo! O sol já apareceu! Como está frio! Agora é hora de dormir! Oriente o/a responsável pelo bebê que cubra a cabeça com a mantinha (fazendo uma cabana), como se estivessem saindo/entrando na casa.

2. Colagem de palitos de sorvete. Motive as crian-

ças a construírem uma casinha ou igreja com os palitos e depois desenharem as pessoas que moram na casa delas ou de pessoas na igreja.

3. Passeio pelas dependências da igreja: Mostre os diferentes espaços da casa de Deus ou desenhe o que tem na igreja numa cartolina [desenhe uma grande igreja]. Peça que as crianças desenhem elas mesmas dentro da igreja.



Tema: Uma visita especial

Versículo do dia: “Porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: a farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, [...]” (1 Reis 17.14a)

Palavra-chave: confiança

Preparando o ambiente: Providenciar cestas com frutas, legumes, pães, uma toalha. Colocar a toalha no chão e organizar as cestas com os alimentos.

Acolhida: Receber as crianças com alegria, cantando a música: Olá bebê (CD Crescer, faixa nº 1, DNED). Mostrar as cestas com os alimentos e cantar a música: Alimentos (CD Crescer, faixa nº 4 - DNED).

Roda de Conversa: Conversar sobre como é bom e importante nos alimentarmos com frutas e alimentos que fazem bem ao nosso corpo. Mostrar os diferentes alimentos que estão na cesta, incentivando que elas segurem as frutas e legumes.

Hora da História: 1Reis 17.8-16 [Utilizar a cesta com frutas e legumes como apoio da narrativa. Contar a história de forma interativa. Se possível, no final, convidá-las a experimentarem um dos alimentos depois de cantarem a música: Hora de comer (CD Sombra & Água Fresca, faixa nº 10 – PSAF)].

A mulher que confiou em Deus

A Bíblia conta a história de uma mulher e seu filho que viviam com pouco alimento. Certo dia, receberam uma visita especial. Vamos ver o que aconteceu?

Era época de seca; muitos dias se passaram e nada de chuva.

Deus disse a Elias que viajasse para outra cidade e lá procurasse uma viúva. Elias deveria pedir à viúva que lhe desse de comer. E foi isso que ele fez, sem nada temer.

Chegando a nova cidade, a viúva, ele logo encontrou. Pediu-lhe água, e ela rapidamente buscou. Depois, Elias pediu à viúva, um pouco de pão, mas ela triste lhe disse que comida, não tinha, não.

O pouco alimento que tinha, era para ela e seu filho comerem naquele dia. Depois daquela última refeição, a morte, esperariam, então.

Elias disse à mulher, que já estava em choro:

- Vá, use a farinha e prepare para mim um bolo. Depois faça um para você e um para seu filho, verá que nada te faltará.

Foi Deus quem me disse:

- A farinha da sua panela não se acabará, e o azeite da sua botija não faltará, até que a chuva caia, novamente, e da terra brote a semente.

A viúva fez o que o profeta pediu, e com o alimento nas mãos, agradeceu, comeu e sorriu.

Oração: Querido Deus, nós Te agradecemos pelo alimento. Amém.



Sugestões de atividades:

1. Compartilhar alguns alimentos, frutas ou biscoitos.
2. Expressão corporal: Cantar a música: O corpo (CD Crescer, faixa nº 5 – DNED) com gestos. Resalte que o nosso corpo precisa de bons alimentos para crescer e ficar saudável.
3. Desenho: Motive que desenhem o alimento preferido.
4. Brincadeira: providencie vários brinquedos para as crianças brincarem de cozinheiro/a.